

Governo ainda não definiu índice

■ Nova política monetária acompanhará inflação, mas ainda não foi escolhido o indexador. Segundo Fraga, atacado está “superestimado”

UGO BRAGA

BRASÍLIA — Embora tenha decidido direcionar toda a sua política econômica para combater a inflação, o governo ainda não sabe qual o índice que vai perseguir daqui para frente. Segundo o presidente do Banco Central, Armínio Fraga Neto, todos os países que usam um sistema semelhante inibem o reajuste de preços com base em índices ao consumidor. “É o que representa melhor a realidade”, disse. “Aqui não será diferente, mas ainda não há nada definido”, despistou.

Segundo Fraga, os índices de pre-

ços ao mercado são formados em boa parte por preços de atacado. “A impressão é que os índices ao atacado estão superestimando a taxa de inflação, com valores de tabela que nem sempre são praticados no dia-a-dia”.

No que diz respeito à nova política monetária, que vai variar de acordo com metas de inflação, o presidente do BC praticamente descarta os índices ao mercado como possíveis balizadores. Ele os considera excessivamente “sensibilizados” pelo reajuste de preços dos produtos comercializáveis.

E, dessa forma, refletem quase que integralmente a desvalorização

cambial. O Índice Geral de Preços de Mercado (IGP-M) de fevereiro, por exemplo, medido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), ficou em 3,61% ao mês — equivalente a 53% anuais. Segundo deixou transparecer o presidente do BC, os técnicos do governo acham o número muito maior do que a realidade.

Metas — No Brasil, há três índices de inflação que refletem a variação de preços no varejo, que afetam mais o consumidor. São calculados pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), ligada à Universidade de São Paulo, pela FGV e pelo Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE). Armínio Fraga negou-se a revelar qual deles será adotado.

As metas de inflação que a equipe econômica vai perseguir serão anuais. E não devem ser divulgadas imediatamente. Armínio Fraga garantiu que vai tentar atingir o índice de 0,6% de inflação no último trimestre para “criar um arcabouço” antes da adoção de metas explícitas.

Durante a entrevista concedida ontem à tarde, depois de tomar posse na presidência do BC, Fraga chegou a dizer que, se a austeridade fiscal e a restrição monetária não derem resultado no combate à inflação, o go-

verno teria que “rever” sua política econômica. Esclareceu, porém, que estava se referindo a mais austeridade e mais restrição. “Eu quis dizer ajustar a política econômica.”

Bastante questionado sobre as intervenções do Banco Central no mercado de câmbio, ele repetiu a tática usada no Senado, durante a sabatina, e foi o mais evasivo possível. “Taxa de câmbio quem define é o mercado”, disse, mais de uma vez. “A maior contribuição que o BC pode dar é um ambiente macroeconômico estável e é nisso que vamos nos concentrar.”

Como reiterou a adoção do siste-

ma conhecido como *inflation targeting*, meta de inflação, no qual toda a política econômica varia para que uma meta de inflação seja atingida, faltou a Fraga explicar se a política cambial também será usada com esse objetivo. Ou se o BC abandonou de vez algum valor nominal para a taxa de câmbio.

Fraga, estará na quinta-feira em Nova Iorque, e na sexta-feira em Londres. Além de ser formalmente apresentado como presidente do Banco Central do Brasil a algumas autoridades econômicas — do FMI, do BID e Bird —, vai aproveitar para pedir confiança no país.